



CIEA7 #3:

UNA AFRICA MOVEDIZA, SOCIABILIDAD Y PLANIFICACIÓN EN LAS CIUDADES
AFRICANAS.

David Leite Viana[⊙]

david.leite.viana@gmail.com

Cidade Africana - urbanismo [in]formal: uma abordagem integrada e sistémica

The African City forces the reconceptualization of common formal and quite static strategies close to regular and tight planning. Among others considerations that will be explore in the paper, most African cities demand growing net articulation between their formal centre and vast informal polymorphic suburban housing areas. It is necessary to think about planning proposals that aim to consolidate an improved adapted adjustment between regular patterns (attached to macro scale planning) and plural configurations of self organized city, based on micro stratagems developed by indigent citizens on their everyday life (Koolhaas define it as "real time solutions" for "real time problems"). This inclusive and systemic urban paradigm relays on nature and collective/public spaces as major elements to reassemble fragmented African urban spaces: [re]developing wide [re]distribute social services, public equipments and civic infrastructures in the extension of African City – formal urban progress articulated with improvement of informal living human conditions, combining both with overall sustainability.

Formal Planning, Informal City, Integrated and Systemic Urbanism.

[⊙] Escola Superior Gallaecia - Centro de Investigação de Construções Rurais e Ambiente.

NOTAS PRÉVIAS

Este artigo, enquadrado no âmbito do 7.º Congresso Ibérico de Estudos Africanos (CIEA7), integrado no Painel #3 - *Una África Movediza, Sociabilidad y Planificación en las Ciudades Africanas*, dá conta da necessidade de fazer co-existir, no planeamento físico das cidades africanas, o "formal" e o "informal" (coabitação de contrários) , promovendo um urbanismo mais abrangente, plural e flexível ao nível da sua operatividade e real aplicabilidade *in situ*: portanto - e logo - inclusivo, atento às especificidades permanentes e variáveis dos [micro]territórios nos quais opera.

O conteúdo deste artigo resulta, principalmente, da investigação desenvolvida para a dissertação apresentada, em 2008, ao Instituto Universitário de Urbanística da Universidade de Valladolid (Espanha) para a obtenção do grau de *Doctor* em Urbanismo/Planeamento do Território, concretizada na defesa da tese "Maputo: Transformação de uma Estrutura Urbana de Origem Portuguesa. Um contributo para a requalificação do espaço urbano", orientada pelos Prof.^s Dr.^s Juan Luis de las Rivas (IUU-UVa), Isabel Simões Raposo (FA-UTL) e Fernando Brandão Alves (FEUP).

APONTAMENTOS INTRODUTÓRIOS SOBRE A CONDIÇÃO CONTEMPORÂNEA DA CIDADE AFRICANA

Em diversas cidades africanas ocorreram, ou continuam a ocorrer, profundas transformações económicas, físicas e sociais que consubstanciam determinados fenómenos indexados ao definhamento das respectivas qualidades urbanas. Este aspecto condiciona o ordenamento integrado dos seus espaços urbanos, devendo, não obstante, ser convertido em factor de desenvolvimento sistémico através da redefinição da relação: indivíduo, lugar, sociedade e território/paisagem urbana. Nesta perspectiva, pode-se referir que a Cidade Africana revela uma riqueza de acontecimentos urbanos caracterizados por arquitecturas próprias e individuais, plasmadas em realidades territoriais intrincadas, nas quais se enraízam [micro]estruturas particulares e complexas de ocupação do solo. Assim, a Cidade Africana apresenta-se como um amplo conjunto de significados e um acumular de experiências que condiciona[ra]m o processo da sua transformação urbana. São experiências que existem relacionadas (por continuidade ou por ruptura) e que tornam necessária a percepção das distintas realidades nela operadas, bem como das diferenças entre elas.

A dicotomia entre as limitações políticas e técnicas das estratégias de gestão urbana (de dimensão macro) e as reais e aceleradas dinâmicas territoriais que aí ocorrem (de origem micro) constitui uma das principais condicionantes ao nível do planeamento

(integrado e sistémico) da Cidade Africana. A Cidade resultante, quando não enquadrada e apoiada, gera situações de segregação social que acentuam debilidades nas respectivas estruturas urbanas, materializadas em espaços com indícios de suburbanidade. Visto isto, é comumente perceptível uma sensação de estranheza (por vezes, quase alienação) em que vivem cidadãos africanos, traduzida em desfasamentos culturais, de hábitos, necessidades e representação, entre outros.

A Cidade Africana supõe múltiplos níveis de [re]leituras, sistemas diversos e estratificações sociais complexas que não se inserem em propostas urbanas sectárias. A sua condição actual (em transição, indefinida) revela-se, nos seus espaços urbanos, em representações socialmente fragmentadas e aparentemente desordenadas, que tornam evidentes os conflitos a favor e contra a diferença e a pluralidade.

As tentativas de consagração da Cidade Africana totalmente planeada (formal) revelaram-se estereis. Isto porque ela se consubstancia em espaços urbanos complexos que projectam múltiplas formas de vida, maneiras de actuar e modos como a sociedade africana constrói a sua territorialidade (as quais superam o âmbito do urbanismo meramente funcional). As estratégias individuais informais condicionam e influenciam a morfologia da Cidade Africana numa relação de leitura indissociável. A forma em retícula dos seus centros urbanos, muitos de origem colonial, possibilita leituras lineares e sequenciais dos respectivos dispositivos morfológicos estruturais, escalonados por áreas temáticas. Mas, por outro lado, proliferam actualmente formas de ocupação do solo diversificadas, sobrepondo-se, sem limites precisos como os do traçado colonial.

Os espaços urbanos africanos tornaram-se tão extensos e díspares que já não são mais possíveis de abordar como uma unidade «polida». É premente transpor o paradigma de dualidade com que insistentemente se procura «olhar» sobre a Cidade Africana: ela é mais que um díptico, perfazendo múltiplas partes que se enquadram num mosaico urbano de geometria complexa. A Cidade Africana já não espelha apenas a dicotomia entre cidade *versus* campo, entre o urbano *versus* o rural, entre o formal *versus* o informal. Estas realidades tendem a desvanecer-se, cruzando-se, sobrepondo-se, justapondo-se a muitas outras que nela foram ganhando forma e expressão.

Ao texto urbano linear, sequencial, estruturado, que caracterizava muitas das narrativas urbanas de origem colonial, foi justaposto uma espécie de "hipertexto" (estrutura aberta a múltiplos sentidos). Daqui não resulta o espaço urbano destituído de regras, de inteligibilidade ou de estrutura. Simplesmente nele multiplicam-se os nexos, as sequências e os enlances possíveis. A Cidade Africana transpôs a lógica da imagem assente (morfologicamente) no espaço construído e no desenho do espaço público. A sua realidade urbana é não linear e exige o constante [re]enquadramento das partes no seu mosaico urbano: a [micro]recomposição permanente não é compatível com manutenção de

[macro]estratégias duais, redutoras da complexidade e da diversidade da "condição urbana" africana (construção de vivências e de territórios).



Ilustração 1¹: Na Cidade Africana definiu a relação estrutural entre projecto (em primeira instância) e forma (como consequência), agravando a fragilidade de nexos estabelecidos entre os "tipos" e os respectivos usos sociais, modelados na fragmentação e na informalidade, base de novas [micro]formas de utilizar e criar espaço com criatividade «indigente», induzida por via da imaginação, pela necessidade produtiva (sobreviver) e pela impulsividade própria da subjectividade com a qual se conformaram partes dos seus espaços urbanos.

A CIDADE AFRICANA ENQUANTO MOSAICO URBANO PLURAL E POLIMÓRFICO

O crescimento extensivo dos territórios urbanizados da Cidade Africana (e a ampliação administrativa dos respectivos limites) consolida as alterações da forma e estilos de vida dos cidadãos, as quais ocorreram em pouco tempo, contribuindo para a própria mudança da respectiva condição urbana. A Cidade Africana extensiva (como já referido, apenas aparentemente incompreensível e caótica) já não se explica apenas pela velha ordem urbana nem por princípios únicos de racionalidade, clareza, objectividade e ordem. A sua complexidade não se resolve só através de intervenções nos centros da cidade de origem colonial, ou com regras que dela surjam, pois é nas periferias da Cidade Africana que ocorrem transformações urbanas mais significativas.

¹ Foto do autor (Maputo, 2005).

Como refere Salvador (2004), os engenhosos e criativos micro-sistemas alternativos aí encontrados para resolver a urgência de habitar constituem relevantes elementos de análise, cujo conhecimento é indispensável na resolução dos grandes problemas urbanos, como também o é na avaliação das possibilidades de transformação e requalificação futura dos seus espaços urbanos. Devido ao crescimento explosivo, essa metamorfose foi (na sua maior parte) levada a cabo de uma forma espontânea, praticamente fora do controlo político e administrativo. A proclamada “boa forma da cidade” diluiu-se numa composição solvente, em que os contornos dos tecidos urbanos da Cidade Africana como artefacto legível, identitário, límpido nos seus traçados (marcando a identificação da sua configuração, limites e centro) foram substituídos pela indefinição dos seus espaços urbanos.

Sendo previsível que a Cidade Africana se transforme numa extensão contínua de paisagem ocupada, referencio Gausa (2007) quando diz que *como una mancha de tinta sobre el territorio, la forma cristalina de la ciudad primitiva tiende progresivamente a disolverse, así en un abanico heterogéneo de salpicaduras y vacíos. La música armónica de una ciudad completa, refigurada, equilibrada, cede pues ante la evidencia de una compleja partitura arrítmica con - quizás - eventuales fragmentos melódicos, pero generalmente con un 'no-ritmo' sincopado y atonal de puntos y contrapuntos que harían del espacio urbano contemporáneo un cuerpo definitivamente inacabado y mutable en el tiempo*, entre o colonial e o pós-colonial, o centro e a periferia, o formal e o informal, o regular e o irregular, a ordem e a desordem, o previsível e o imprevisível, o ordenado e o espontâneo, o macro e o micro, o global e o local, geometrias lineares e geometrias complexas. Esta é a raiz da condição de indefinição e transição que marca a Cidade Africana e que a consubstancia enquanto mosaico urbano plural e polimórfico.

A preocupação por tentar compreender processos internos que ocorrem em realidades progressivamente heterogéneas exige que se transponha as limitações da planificação tradicional, a qual revela dificuldades em articular da forma mais adequada *organismos en constante evolución entrópica. En efecto, del mismo modo que resulta inviable seguir aceptando el 'caos fascinante' de la ciudad como alibi del abandono a un proceso definitivamente aleatorio e incontrolable destinado a ocupar el territorio de modo ilimitado, también lo es pretender circunscribir los procesos a planificaciones cerradas -endógenas- limitadas a situaciones de coyuntura, apenas justificables desde el punto de vista de la lógica administrativa. Del mismo modo que el propio sistema territorial -el organismo global- acaba remitiendo a operaciones complejas de interacción en su seno, su proceso de renovación debería remitir a procesos interrelacionales, si no del todo coherentes sí intencionados* (Ibid., 2007), capazes de impulsionar a urbanização progressiva dos espaços urbanos africanos, com a máxima «vivencialidade» possível, impregnando-os com qualidades urbanas normalmente estritamente adstritas aos designados “centros” (níveis mínimos de

habitabilidade, oferta de serviços e equipamentos urbanos, infra-estruturas diversificadas, trabalho, cultura, etc.).

A cidade-mosaico enraíza-se na multiplicidade de modos de vida urbana que, sobrepondo, colidindo, hibridizando, configura paisagens substanciadas que respondem ao carácter urbanamente transitório das suas comunidades. Não reconhecer o equilíbrio instável entre racionalidade e sensibilidade, entre vontade consciente e expressão inconsciente, entre intersubjectividade desejada e subjectividade irreduzível, entre intervenção colectiva e criação individual (Baptista, 2007) é contribuir para o aprofundar de aspectos de rompimento dos espaços urbanos africanos.

Os sinais de cisão devem-se à fragilidade da articulação entre partes (nas suas dimensões ambiental, social, produtiva, económica e morfológica), consubstanciada na debilitada ligação entre cidade planificada (designada de ordenada, contida, previsível, controlada, estruturada em alternativas de expansão) e «cidade real» (dita avulsa, degradada, desinfraestruturada, desordenada). Mostram-se necessárias plataformas amplificadas para relações intersectoriais e de distintas escalas, fomentando condições para que a participação cívica se traduza e desenvolva em distintos momentos ao longo do processo urbano. Reconfigurar as suas fracturas implica perspectivas pluridimensionais estruturadas em novos programas e numa «matéria ligante» (natureza/paisagem e espaços e estruturas colectivas/públicas) que atenda às múltiplas expressões que se vão revelando na sua morfologia. São necessárias abordagens mais do que lineares, catalisadoras e enformadoras de fragmentos existentes, explorando modos de vida contemporâneos detectados nas vastas paisagens urbanas africanas.

O urbanismo [in]formal, tema transversal deste artigo, é mais do que reabilitar iconograficamente quarteirões, edifícios, praças e ruas (focagem macro), será também revelar as [sub]estruturas de eventos quotidianos (interactuantes e/ou conflituantes) que ocorrem entre os indivíduos e os espaços (nível micro). Os espaços urbanos africanos obrigam a um tipo de planeamento físico em que o programa não é algo apenas e estritamente institucionalizado, ou seja, não se apresenta como uma realidade totalmente dada à partida, subentendendo a convencionalidade do uso e da linguagem (normalmente «representativas», mas que se dão mal com a emergência de novos modos sociais e culturais). Estas práticas recusam terminantemente a reprodução das convenções funcionais e simbólicas e apostam convictamente na abertura de novas possibilidades (Ibid., 2007).

O FACTOR *IN* NO PLANEAMENTO DOS TERRITÓRIOS URBANOS AFRICANOS

Defendo neste artigo, com a proposição desta noção de urbanismo [in]formal para a Cidade Africana, a superação da perspectiva dicotómica com que insistentemente se procura abordar as suas problemáticas urbanas, isto é, "cidade formal" *versus* "cidade informal". Considero ser estruturante deixar para trás este tipo de visão do espaço urbano africano, na medida em que enquanto ela perdurar perpetuar-se-á a Cidade Africana enquanto estrutura dual. Neste contexto, foram já nelas testadas distintas opções urbanas (coloniais e pós-coloniais), traduzidas em "planos-imagem", "planos-gestão" ou "planos-estrutura", por exemplo. No entanto, o planeamento físico e o ordenamento do território foram muitas vezes ultrapassados pela produção urbana desinfraestruturada, não prevista e espontânea. Exemplificando: as reservas ambientais para plantio de árvores ou para equipamentos sociais e económicos, espaços verdes, infra-estruturas, zonas não-edificáveis, pantanosas, inundáveis ou declivosas, foram sendo preenchidos pela população crescente que foi acedendo às cidades africanas, procurando abrigo, refúgio, segurança, trabalho, melhores condições de vida, etc. (Oppenheimer e Raposo, 2002).

Conforme Raposo (2005, 2008), a distribuição do crescimento dos cidadãos não é uniforme: a explosão é mais forte que a implosão. A percentagem de habitantes que vive em áreas designadas de "periféricas" em relação à que vive nos ditos "centros" é cada vez maior. Esta expansão não correspondeu a uma expansão do emprego. À urbanização não correspondeu uma sociedade integrada. Cresceu o número de áreas degradadas. O referenciado "espaço periurbano" tornou-se mais frágil devido à ausência de instrumentos de planeamento do uso do solo e respectiva execução. O grosso dos cidadãos passou a residir em zonas sem o adequado acesso a infra-estruturas básicas e equipamento social, em unidades habitacionais precárias, sem segurança de posse da terra.

Para explicar o factor *in*, cito Gausa (2007):

hoy se requieren nuevos dispositivos -sistemas a gran escala- capaces de abordar la propia dimensión casual y, al mismo tiempo, infraestructural de la ciudad y del territorio. El estudio científico de los sistemas dinámicos conduce (...) a análisis de procesos complejos -caóticos- caracterizados por el denominado factor 'in': alto grado de indeterminación, de inestabilidad, de incoherencia, de infinitud, es decir de informalidad. Son sistemas que, no obstante, permiten adivinar cierta idea de orden interno, un código genético impulsor, asociable a diagramas o trayectorias más o menos complicados, que dibujan generalmente estructuras rizomáticas, fractales, caracterizadas por la auto-organización matricial, el entrelazamiento, la secuencialidad y discontinuidad, la evolución discontinua, la ausencia de escala, el desarrollo orgánico más que mecánico y, sobre todo, la importancia de la seriación 'vacío-

lleno'. Emerge, entonces, la fuerza del espacio 'en negativo', no tanto como resto -o reserva residual 'entre cosas'- sino como engranaje estructural. Y, en el marco de las actuales estructuras urbanas, el paisaje -el vacío- aparece entonces como un 'subsistema', tanto o más importante que el urbano - una infraestructura, a su vez.

O "vazio" estruturante [tendo a paisagem/natureza como «matéria ligante» (uma espécie de "super-estrutura")] receptáculo de multiusos, deverá integrar e articular as múltiplas dimensões urbanas da Cidade Africana. Perante o exposto até ao momento, poder-se-á referir que a Cidade Africana ainda é marcada pela indefinição, incerteza, instabilidade, indeterminação, inconstância e informalidade: *the 'informality' of many African cities points to the importance and value of participatory and activist planning by citizens. This type of bottom-up, 'extraterritorial' urbanism, developed outside conventional legal and regulatory frameworks, often produces novel and ingenious solutions to urban life. It invariably also produces major problems, such as poor standards of health and hygiene. Can we not incorporate the lessons learned from the informal and provisional character of these cities into our future plans?* (Mostafavi, 2010:40) - defendo neste artigo que não, pelo que considero estruturante para o planeamento das cidades africanas o desenvolvimento e consolidação operativa do micro-múltiplo urbanismo [in]formal e inclusivo. A suburbanização que marca parte dos tecidos urbanos da Cidade Africana deve ser ultrapassada por uma maior e mais consistente cidadania participativa e de coesão cívica por oposição à estigmatização, individualismo e isolacionismo urbano e social.

O urbanismo [in]formal será tanto mais válido quanto mais abranger as disfunções diagnosticadas nos extensos territórios africanos, nos quais se encontram respostas para as novas formas de habitar o urbano, articulando centros e periferias (tornando interactuantes as respectivas qualidades urbanas). Expressa a acção conjunta de diferentes sectores sociais, políticos e económicos que convivem (ou conviveram) nas cidades africanas, uns actuando através de canais formais, de poder, outros expressando-se informalmente, reagindo a constrangimentos.

A Cidade Africana consubstancia-se em espaços urbanos abertos à cumplicidade das suas diferentes partes, nos quais se revela necessário reinterpretar e reestruturar a textura (visível e «invisível») dos seus padrões e fragmentos: expondo micro-secções e respectivas estratégias de auto-organização que se podem diagnosticar nas suas submorfologias (considerando os seus mecanismos de actuação de modo a poderem ser integrados e enquadrados num abrangente processo de planificação que não exclua ninguém).

O construído (a textura e respectivos padrões e tipologias) raramente corresponde a configurações exclusivamente arbitrarias: cada forma construída traz consigo e induz

significados à Cidade Africana (dificilmente se relaciona com ela de maneira neutral ou absolutamente autónoma). Os seus conteúdos e significantes estão em constante construção e reconstrução criativa através da acção da vida quotidiana. Reconhecendo a especificidade da Cidade Africana, entendendo-a como entidade dinâmica e flexível, urge consolidar a planificação urbana que possibilite a sua transformação no sentido de a tornar mais habitável, solidária e plural, transpondo discriminações culturais, raciais, de género, socioeconómicas, político-ideológicas, etc.

A Cidade Africana é a expressão da diferença, de cenários de convivência mutantes nos quais a complexidade das suas partes deve ser entendida como um recurso dinâmico de enriquecimento do todo: através de microleituras na macroleitura, permitindo a diversidade de acções contraditórias, híbridas e multifacetadas, valorizando a promoção da democracia participativa e integradora dos anseios da população urbana. A este propósito, Rivas (2005) refere que

el proceso de planificación tiene sentido si está inserto en un proceso más amplio que pertenece a la inteligencia social de cada comunidad. Algunos hablan de 'empowerment the people', es decir, de avanzar en estrategias de participación eficaces. El punto de partida está en el reconocimiento de los obstáculos que la búsqueda de calidad de vida y de equidad social encuentra en cada caso. Se trata de alcanzar nuevos objetivos - valorar los paisajes más frágiles, los espacios menos prósperos o más difíciles de la ciudad donde se manifiesta la complejidad y riqueza de la vida urbana, sus mestizajes.

Esta passagem alude à construção da cidade estruturada em territórios fluidos e variados que conformam o quotidiano e configuram a micropolítica do poder, como se tratasse de um plural palimpsesto (Cortés, 2008) – muitas vezes reagente às categorias do fixo, imutável, estático, da certeza e do normativo.



Ilustração 2²: Ensaio de uma proposta urbana³ para a implementação de dispositivos tipológicos habitacionais unifamiliares em grande escala, na qual se procurou articular o [macro]planeamento do território com [micro]estratégias de [auto]organização do espaço urbano desenvolvidas de forma espontânea e informal no quotidiano dos cidadãos.

PARA UM PLANEAMENTO INTEGRADO E SISTÉMICO DA CIDADE AFRICANA

A articulação entre as dimensões do formal e a do informal, da ordem e da desordem, do regular e do irregular é estruturante, já que elas não podem ser abordadas separadamente, autonomamente, mas antes de forma sistémica. A Cidade Africana sofreu (e ainda sofre) os efeitos de um vigoroso processo de urbanização acelerada que produziu desdobramentos múltiplos dos seus tecidos urbanos, transformando tipologias, as suas formas urbanas e inerentes limites: revela uma expansão aparentemente sem limites do domínio do urbano. Este processo escapa a qualquer noção de territorialidade mais «simplista», na medida em que estende os seus sistemas e subsistemas estruturais, apoderando-se continuamente de espaços circundantes, alterando e originando ordens e

² Imagem virtual produzida pelo arquitecto estagiário Artur Jorge.

³ Projecto desenvolvido pelo autor, pelos arquitectos Nicolau Brandão e Jorge Vaz, pelo arquitecto estagiário Artur Jorge e pela estudante de arquitectura Leina Magna.

subordens próprias que se consubstanciam em topografias urbanas fragmentadas, mas interconectadas. Neste sentido, deverão ser também interactuantes.



Ilustração 2⁴: A generalidade de elementos que conformam a expressão da Cidade Africana, por pequenos e aparentemente insignificantes que possam parecer num primeiro olhar mais superficial, têm uma história e enquadramento concretos, possuem um contexto e significado específico para cada habitante e contribuem para a construção de memórias. Como já referido neste artigo, é hoje necessário (mais do que expressar uma memória dita «colectiva») integrar no [macro]planeamento [micro]estratégias de [auto]organização, não explícitas (quase invisíveis, pouco perceptíveis), mas que se fazem sentir nos modos de apropriação e uso dos espaços urbanos da Cidade Africana, marcando-a com expressões dissidentes, informais. São processos estruturados em novas lógicas de compreensão e interpretação das dinâmicas que nela interagem: “*cities are not constructible or planable machines in the sense of the industrial age*” [Gleiniger e Vrachliotis (ed.), 2008:91].

O carácter não ordenado de partes dos espaços urbanos africanos, apesar de carências e debilidades infra-estruturais e físicas normalmente neles diagnosticados, torna-o receptivo e disponível para a integração de [sub]morfologias com maiores preocupações ambientais e que explorem a condição de complexidade (na qual continuamente ocorrem sobreposições e justaposições de padrões e tipologias). Estes devem intersectarem-se ou evoluírem para mutações morfológicas mais inesperadas, mas adaptativas, sustentadas na flexibilidade e desaguando em configurações urbanas mais orgânicas e híbridas: [in]formais. O resultado consubstanciará uma cidade menos formal, mais moldável, em transição,

⁴ Imagem virtual produzida pelo arquitecto estagiário Artur Jorge.

reflexo de uma sociedade que deverá procurar (ela mesma) vias alternativas relativamente à prática urbana para a Cidade Africana, na qual casa a casa vão-se tecendo renovados padrões e tipologias dos seus tecidos urbanos, sendo perceptível (conforme Salvador, 2004) a capacidade de ultrapassar adversidades e incertezas, de transformar “não lugares” em espaços de grande vitalidade, de criar modelos de construção adoptando diferentes tecnologias. Constituem respostas distintas à forma como podemos projectar a transformação dos espaços urbanos africanos

É estruturante para a planificação da Cidade Africana integrar progressivamente, e de forma sistémica, uma crescente rede de [micro]centralidades complementares entre os espaços centrais urbanizados e os designados “subúrbios” a urbanizar. Poderá ser conseguido interconectando a complexidade dos tecidos urbanos, delimitando unidades mínimas de forma e significado constante, identificando secções indivisíveis dos espaços urbanos (forma), e as que não se compartilham (significado). O objectivo é tornar explícitas propriedades regulares e/ou irregulares de partes do mosaico urbano polimórfico, bem como combinações e variantes (endógenas ou exógenas) que entre elas se estabelecem. Constituem nexos cognitivos cruzados sobre acções urbanas de adição, afixação, composição, conversão, modificação, permutação, repetição, sobreposição, substituição e subtracção. É importante a consolidação da proposição de morfologias flexíveis e regenerativas da Cidade Africana, sensíveis e adaptadas à diversidade dos seus contextos (entendidos no sentido lato do termo: social; ambiental; económico; territorial, etc.), alvitando formas derivadas das mesmas.

Numa época em que tantos profissionais lusos, da arquitectura e do urbanismo, encaram África como um mercado de trabalho alternativo ou complementar e neste tão oportuno congresso deveria ser enfatizado o statement de que parte do desafio para a Cidade Africana é encontrar um outro tipo de planeamento urbano que acomode na sua estrutura o dinamismo dos seus padrões de textura, onde

roles and functions can vary within short spaces of times. Public spaces and buildings become multi-functional, used differently at different times. Streets become ‘theatres of activity’. The emphasis will be on the importance of connectivity, choice, and a framework that encourages movement, activity and pulse. The flexible framework will therefore be key to this urban design future. It will enable development to respond to uncertainty. Such adaptability will also see the emergence of new typologies and spatial components to inhabit the framework (op. cit. Malcolm e Rowland, 2006:186).

Esta condição base não rejeita de todo apores de princípios urbanos de pendor mais *standard*. Implica que sejam articulados num processo mais integrado e sistémico, englobando aspectos como interconectividade desmultiplicada, acção individualizada,

aprovisionamento de espaços adaptáveis que permitam receber usos temporários, voláteis, transitórios. É essencial reforçar a actuação sobre os interstícios de origem clandestina, informal, articulando-os com os centros da Cidade Africana, e impregnando-os de significados sociais, sustentados numa rede de referências e serviços colectivos (tornando-a não só mais *vivível* para os seus habitantes, como ecológica e urbanamente mais sustentável). Implica a proposição e consolidação de centralidades complementares nos seus espaços urbanos, conformadas em redes orgânicas [re]infraestruturadas, regeneradas (ou reconvertidas) através de processos urbanos alternativos, de modo a estabelecer estruturas mais flexíveis.

Esta é uma abordagem de complemento, de apoio, na procura de uma maior qualidade da vida urbana e de potencialização de infra-estruturas básicas e de equipamentos que tornem possíveis espaços urbanos ambientalmente mais adequados, visando a sustentabilidade dos processos de urbanização progressiva da Cidade Africana [suprindo insuficiências detectadas, tal como a perpetuação de estratégias urbanas progressivamente desqualificadas (mareando entre o "elitismo segregador" e/ou o "clandestino desapoiado" - enquanto técnicos responsáveis e conscientes dos nossos actos, não deverá ser este o tipo do nosso contributo para a Cidade Africana)]. Perspectivar morfologias que se adaptem aos espaços urbanos africanos significa rejeitar formas totalizadoras e herméticas. Terão que se consolidar orientações para configurações urbanas apoiadas em padrões-base abertos à interacção.

Para franjas com propriedades urbanas mais debilitadas (resultantes da sua separação da cidade infra-estruturada e com oferta de serviços urbanos), é necessário consubstanciar, como já referido, orientações integradas, participativas, sistémicas e inclusivas que perspectivem a requalificação de áreas tidas como "suburbanizadas". Estratégias que podem até ser simples mas enriquecidas pela participação pública, que abordem a comunidade e os seus grupos, a Cidade Africana e as suas formas e lugares, o ambiente, os seus centros e respectivos recursos, e toda a interacção que no seu seio se estabelece. Cada vez mais se exige uma atitude política e administrativa aberta e abrangente em relação à gestão dos territórios urbanos com a criação da capacidade de colaboração e negociação com os moradores e com os seus representantes (formais e informais). O planeamento deverá ser estabelecido com os residentes e não a priori. É comumente assinalável o sentido de ordem e de coexistência que a maioria dos cidadãos mantém face à quase inexistência de instrumentos institucionais de estruturação social e de informação. Este aspecto só pode ser compreendido considerando a existência de microestruturas tradicionais onde os laços familiares e as relações hierárquicas mantêm a sua relevância social, e a autoridade dita "informal", que essas tradições corporizam, é aceite como forma de integração social da família e do indivíduo.

Urgem princípios «camaleónicos»⁵, isto é, volúveis e maleáveis que adaptem (com maleabilidade) a sua operatividade urbana e comportamento às características específicas da Cidade Africana (com identidade, ou significados, fixos ou em mudança). São princípios que promovem uma abordagem urbana incremental, ou seja, que não pretendem dar «saltos» radicais no vazio, optando antes por «seguir trilhos», indexados à realidade, seus problemas/fragilidades e potencialidades urbanas emergentes. Perante a condição de transitoriedade da Cidade Africana, a sua planificação deve estruturar-se em metodologias relacionais próprias do "paradigma relacional" (sistemas abertos; formas livres; absorção do que é «alheio», exterior): absorvendo o irregular, o imprevisível, a aparente desordem, a inovação espontânea, através de "acções imitadoras criativas" - acrescentam à «digestão» da novidade (criada por outros) uma visão própria (Lemaire, 1997). Processo cujo corpo/tronco comum se constitua como colectivo gerível com uma relativa hierarquia e estratificação, organizado de forma muito flexível e adaptável (como se fosse um camaleão).

A organização interna deste tipo de proposta deverá estar em constante evolução de modo a se conseguir ajustar à estirpe de transição sentida na Cidade Africana: princípios camaleónicos que se metamorfoseiam para melhor se adequarem aos seus espaços urbanos, para melhor diagnosticarem as fragilidades dos mesmos, e deles extraírem ensinamentos para a sua terapêutica: urbanismo regenerativo. São necessárias [sub]estruturas operativas capazes de adquirir um conhecimento *in situ*, não só das características físicas de áreas degradadas mas da composição social e respectiva dinâmica interna do grupo e orgânica real das autoridades locais. Os elementos perturbadores da estabilidade que possam afectar os residentes e a história de transformação da Cidade Africana, e do sistema de valores com significado especial para os distintos grupos sociais, são outras dimensões a equacionar.

Exige-se a compreensão da importância das relações entre bairros (formais e informais), sua correcta inserção na rede de infra-estruturas urbanas e suas necessidades em termos de serviços e equipamentos sociais. Urge a proposição de sistemas abertos,

which remain in a state of continuous exchange. In such system's elements at the micro level can collectively generate patterns and structures at the macro level, which can, in turn be traced back to the behaviour of the individual elements. Chaos and order, then, organize themselves through these interactions between the micro and macro levels of a complex system, and are governed by feedback loops. In such cases, we refer to the 'self-organization of chaos and order in open complex dynamic systems'. Self-organization is linked to the phase changes of complex and dynamic systems, leading to the genesis

⁵ O Camaleão é, maioritariamente, originário da ilha de Madagáscar e da generalidade do continente africano. É um réptil conhecido por mudar a sua cor para se adaptar a um ambiente ou a uma situação.

of increasingly complex structures. The genesis of a structure that can be traced back to the self-organization of a complex system is also referred to as 'emergence'. With a view to cultural history, it seems promising to conceptualize the development of human societies as dynamic and complex systems [op. cit. Gleiniger e Vrachliotis (ed.), 2008:93].

UMA SÍNTESE PARA REFLEXÃO

A abordagem transformacional atrás defendida para o planeamento físico da cidade Africana aporta o morfologicamente arbitrário e indiscriminado, com graus elevados de variabilidade, procurando nas idiossincrasias urbanas formas possíveis mas ainda inexistentes. Implica uma capacidade descritiva e relacional que torne possível a distinção entre formas existentes e formas possíveis. A planificação física da Cidade Africana deve observar as [ir]regularidades urbanas nos seus distintos aspectos, distinguindo o estrutural do complementar, de modo a [re]definir componentes morfológicos que permitam [re]criar o espaço urbano vinculado a significados e formas já existentes nas suas subunidades. Este tipo de metodologia urbana (derivativa, que actua sobre a morfologia urbana de maneira derivacional) admite a organização da cidade em sucessões heterogéneas, cruzando especificidades e tornando-as propriedades das estruturas urbanas.

A condição de crise, indefinição e transição (tragédia e esperança da Cidade Africana), implica um questionar de crenças e hábitos: correcção sistemática de percepções e aferição de modelos de acção: ampliação do «campo de visão» e revisão de modelos de crescimento urbano em contexto de dúvidas, relativas à validade de opções políticas, sociais, económicas, culturais e ambientais. Demonstrando que, como refere Virilio (2000:549), "*the crises of the grand narrative and the rise of micro-narratives are ultimately the crises of the 'grand' as well as the 'little'*", termino referindo que a Cidade Africana se consubstanciou em múltiplas conexões, com retracções e dilatações, com extensões e recortes, de evolução aberta, não contrapondo espaço natural/rural e urbano, mas antes fazendo-os coabitar em sistemas em transição, zonas mistas, uniões ambíguas entre realidades e de desenvolvimentos encadeados, gerando lugares e entre-lugares (vazios e cheios) a escalas diversas (Gausa, 2007).

Uma das linhas de desenvolvimento possíveis a partir do exposto neste artigo poderá ser a objectivação de modelos que, através da experimentação *in situ*, se auto-organizem no espaço urbano, moldando-se a regras preestabelecidas e/ou a definir, gerando propostas aparentemente desordenadas mas onde existam regras «ocultas», subentendidas. Esta interacção de regras balanceando diversos factores e comportamentos é frequente nos sistemas biológicos, gerando e adaptando-se a padrões e [ir]regularidades (próprias, por exemplo, de princípios do tipo "camaleónicos") e evoluindo para mutações

morfológicas adaptativas e flexivelmente moldáveis, prefigurando espaços urbanos [in]formais.

Como fecho, acrescento apenas que não considero o tema deste artigo estanque nem encerrado, mas como ponto de partida para o debate generalizado sobre quais os processos de adequação do planeamento e do urbanismo/ordenamento do território à especificidade da Cidade Africana. Este congresso, sobre os "desafios para a modernidade" do continente africano, apresenta-se como um dos espaços adequados e possíveis para que esta reflexão colectiva possa ser feita.

BIBLIOGRAFIA

- Alves F, Viana D (2006) "Maputo. From colonial model to peripheralization of the contemporary urban space", in Malusardi (coord.) *Urbanística pvs – Developing Countries*, nº42/43, Periódico dell'Università degli Studi di Roma *La Sapienza* – DPTU – Dipartimento di Pianificazione Territoriale e Urbanistica.
- Arecchi A (1998) *Abitare in Africa: Architettura, villagge città nell'africa subsahariana dai passato ai presente*, Nimesis.
- Baptista L (2007) "Programas Híbridos" (editorial), revista *arq./a*, nº44.
- Bruschi S (2001) *Campo e cidades da África antiga*, Centro de Estudos e Desenvolvimento do Habitat.
- Cortés J (2008) *Cartografías Disidentes*, Sociedad Estatal para la Acción Cultural de España, Seacex.
- Ferraz B, Munslow B (1999) *Sustainable development in Mozambique* (eds), Africa World Press.
- Forjaz J (2001) "Lições para a urbanização aqui e agora", revista *Moçambique*, nº 29.
- Forjaz J (2006) *Moçambique. Melhoramento dos Assentamentos Informais. Análise da Situação & Proposta de Estratégias de Intervenção*, Direcção Nacional de Planeamento e Ordenamento Territorial (DINAPOT), Ministério para a Coordenação da Acção Ambiental (MICOA).
- Gausa M (2007) "Landlinks", in Colafranceschi (coord.) *Landscape + 100 palabras para habitarlo*, GG.
- Guedes A (1971) "The Caniços of Mozambique", in Oliver (ed.) *Shelter in Africa*, Barrie & Jenkins.
- Gleinig A, Vrachliotis G (ed.) (2008) *Complexity*, Birkhauser.
- Jenkins P (1992) "Bases para uma Política de Desenvolvimento Urbano em Moçambique", Workshop sobre Bases Metodológicas para a Investigação das Tendências do Crescimento da População Urbana em Moçambique, Comissão Nacional do Plano/Direcção Nacional de Estatística/Unidade de População e Planificação.
- Koolhaas R, Boeri S, Kwinter S, Fabricius D, Obrist H, Tazi N (2003) *Mutations*, Actar.
- Lage L (2001) "Produção de habitações informais: O caso de Maputo", revista *Um olhar para o habitat informal moçambicano: de Lichinga a Maputo*, Faculdade de Arquitectura e Planeamento Físico da Universidade Eduardo Mondlane, Edição Centro de Estudos e Desenvolvimento do Habitat.
- Malcolm M, Rowland J (ed.) (2006) *Urban design futures*, Routledge.
- Marot S (2006) *Suburbanismo y el arte de la memoria*, Land&ScapeSeries, GG.
- Morais J, Raposo I (2005) "Da cidade colonial às novas urbes africanas: notas exploratórias", in Raposo (coord.) *Cadernos da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa*, nº5.
- Mostafavi M (2010) "Why Ecological Urbanism? Why Now?", in Doherty G (ed.) *Ecological Urbanism*, Harvard University, Graduate School of Design, Lars Muller Publishers.
- Oliver P (2007) *Dwellings*, Phaidon.
- Oppenheimer J, Raposo I (2002) "Urbanização acelerada em Luanda e Maputo. Impacto da guerra e das transformações socioeconómicas (décadas de '80 e '90). Textos para discussão", revista científica *Estudos de Desenvolvimento* nº 7, Centro de Estudos sobre África e do Desenvolvimento (CEsA), Instituto Superior de Economia e Gestão, Universidade Técnica de Lisboa.

- Oppenheimer J, Raposo I (2002) *Urbanização acelerada em Luanda e Maputo*, Centro de Estudos sobre África e do Desenvolvimento. Instituto Superior de Economia e Gestão, Universidade Técnica de Lisboa.
- Oppenheimer J, Raposo I (2008) *Subúrbios de Luanda e Maputo*, Edições Colibri, Centro de Estudos sobre África e do Desenvolvimento.
- Pinón J (2001) *La recomposicion de la ciudad informal*, C.I.C.I.
- Raposo I (2005) (coord.) *Cidades africanas*, Cadernos da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, nº5.
- Raposo I (2007) "Décentralisation, acteurs et plans d'aménagement de quartiers périurbains à Maputo", in Fourchard (dir.) *Gouverner les Villes d'Afrique. Etat, gouvernement local et acteurs privés*.
- Raposo I (2008) "Instrumentos e práticas de planeamento e gestão dos bairros periurbanos de Luanda e Maputo", in Oppenheimer e Raposo (coord.) *Subúrbios de Luanda e Maputo*, Colibri.
- Raposo I, Salvador C (2008) "Há diferença: ali é cidade, aqui é subúrbio. Urbanidade dos bairros, tipos e estratégias de habitação em Luanda e Maputo", in Oppenheimer e Raposo (coords.), *Subúrbios de Luanda e Maputo*, Colibri.
- Rivas J (1991) *El espacio como lugar. Sobre la naturaleza de la forma urbana*, Universidad de Valladolid.
- Rivas J, Vegara A (2004) *Territórios inteligentes*, Fundacion Metròpoli.
- Rivas J (2005) "Ciudades en marcha. Ciudad moderna e inestabilidad de la ciudad contemporánea", in Programa de Doctorado *Problemas de la arquitectura y ciudad moderna: teoría, historia, proyectos*.
- Salvador C (2004) "Mutações nas periferias das cidades africanas", Congrès Internacional d'Estudis Africans. IV Congrès d'Estudis Africans del Món Ibèric. Àfrica camina, Organizat per la Generalitat de Catalunya i LISA (Laboratori per a la Investigació de les Societats Africanes), Sota la direcció científica d'ARDA (Agrupament per a la Recerca i Docència d'Àfrica).
- Santos N (2003) "Assentamentos informais e espontâneos. Reconhecimento e reacção", Comunicação resumo apresentada no 8º Encontro CIALP de Maputo, no Seminário subordinado ao tema População, Migrações e Arquitectura, Boletim CIALP, nº30.
- Spuybroek L (2002) "Africa comes first" (entrevista com Rem Koolhaas), in *TransUrbanism* (vários autores), V2_Publishing/NAi Publishers.
- Viana D (2009) "Maputo: Transformação de uma Estrutura Urbana de Origem Portuguesa. Um Contributo para a Requalificação do Espaço Urbano", in Ganges (coord.) revista científica *Ciudades 12*, Universidad de Valladolid (UVa), Instituto Universitario de Urbanística (IUU).
- Viana D (2009) "African City: Towards a New Paradigm. Chameleonic Urbanism for Hybrid Cities", in *African Perspectives 2009: The African Cities Centre (Re)Sourced essays*, Pretoria University.
- Virilio P (2000) "The Overexposed City", in *Architecture | Theory | since 1968*, Columbia University Graduate School of Architecture, Planning and Preservation, Edited by K. Michael Hayes, Columbia Books of Architecture, The MIT Press, Cambridge.